

### Como citar este artigo:

Weber, L.N.D. (2000). A pesquisa sobre adoção no Brasil: Uma necessidade. *Psicologia Argumento*, XXVI, 27-34.

## A PESQUISA SOBRE ADOÇÃO NO BRASIL: UMA NECESSIDADE <sup>1</sup>

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber <sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho coloca em discussão a natureza e a diversidade da pesquisa científica e a necessidade deste tipo de investigação em um tema considerado polêmico: a adoção de crianças. A questão da adoção no Brasil é bastante antiga, mas passa por diferentes períodos históricos. No atual momento o instituto da adoção passa a ser estimulado socialmente e visto com menos preconceitos por vários setores da comunidade e esses fatos trazem grande necessidade de aparelhar de modo mais científico, e menos dogmático, os Serviços de Adoção do país. Para que isso ocorra a pesquisa sobre este tema é essencial.

O termo "pesquisa" é epistemologicamente amplo, pois cada área de conhecimento, ou ainda diferentes linhas metodológicas de cada área, podem sustentar uma maneira própria de buscar as respostas de questões do cotidiano. Assim, tratar da importância da pesquisa pode remeter a diversos ângulos da questão.

Poder-se-ia, por exemplo, tratar da **relação entre o pesquisador, o sujeito pesquisado e o objeto da pesquisa**, que sugere temas tão tradicionais quanto a neutralidade da ciência ou tão polêmicos quanto a ética de pesquisa em ciências humanas. No caso da adoção *versus* neutralidade *versus* ética, seria legítimo um pesquisador investigar a adoção se ele também é um pai ou filho adotivo? Seria legítimo um ex-interno pesquisar a vida nas instituições? As respostas não são simples assim como não são simples as ciências humanas!

Ao se falar de pesquisa poder-se-ia ainda discorrer sobre as diferentes formas de conhecimento do mundo, que nos remetem a **diversas metodologias de pesquisa**:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em mesa redonda sobre "A pesquisa e a formação do especialista em adoção : o momento atual e perspectivas", na *I Jornada Interdisciplinar de Adoção*, 12 de setembro de 1998, Campinas -SP.

<sup>2</sup> Psicóloga (CRP 08/0774); Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo; Professora do Departamento de Psicologia da UFPR. E-mail: [lidiaw@uol.com.br](mailto:lidiaw@uol.com.br)

observacionais, etológicas, experimentais, teóricas, clínicas, sociais, participantes, históricas, etc. As possibilidades de pesquisa são muitas, o que felizmente, contribui para esvanecer um pouco aquelas imagens estereotipadas de que pesquisador é aquele sujeito que aborda aleatoriamente pessoas na rua para fazer perguntas desconcertantes, ou é alguém meio desligado do mundo que permanece trancado horas a fio num laboratório ou diante de um computador, resolvendo questões "inúteis" e sem aplicação social imediata.

O tema pesquisa também permite que possa se falar um bom tempo sobre as **políticas de pesquisa e sobre a dificuldade de ser obter financiamento**, especialmente na área de "ciências humanas" e com o tema tão "emocional" quanto a adoção. Poderíamos falar como, na maior parte das vezes, são sempre os mais experientes e titulados que conseguem os financiamentos, além da inevitável burocracia e pouca oportunidade para que os iniciantes comessem a desenvolver trabalhos interessantes.

Outra possibilidade seria levantar o tradicional questionamento sobre a **importância do tema ou da população pesquisada**. Existem muitos pesquisadores que, baseados em crenças naturalísticas, tentam desvendar as leis do comportamentos através de trabalhos com ratos, macacos e, às vezes, com alunos de primeiro ano do curso de Psicologia... Realmente, no caso aqui discutido, seria muito difícil levar o tema "adoção" para um laboratório e fazer comparações evolutivas com outras espécies animais. No entanto, é possível fazer investigações observacionais, estudos longitudinais, transversais, genéticos, transculturais, entre tantas outros. Sabemos que o conhecimento obtido por um pesquisador através de uma metodologia específica é freqüentemente discutido ou mesmo refutado por outro pesquisador que trabalha com tema ou metodologia diferente. Será que *"traçar o perfil de pessoas cadastradas nos Juizados da Infância e da Juventude"* é menos ou é mais importante do que *"analisar o discurso de pais e filhos adotivos"*? Em pesquisa, é sempre o **dado** o fator mais importante, mesmo que esse dado seja oposto ao meu desejo, e todos os dados de pesquisas realizadas em determinada área têm a mesma importância e contribuem para o desvelamento do universo. Temos de aprender que, às vezes, a ciência de um pesquisador poder ser diferente da epistemologia de outro pesquisador! Estamos na tão falada "era pós-moderna", onde devemos ter a capacidade de conviver com paradigmas até opostos entre si - não existe mais a verdade absoluta!

Talvez a **peça fundamental para a pesquisa seja a dúvida**. *"Filhos adotivos são realmente mais problemáticos do que filhos biológicos?"*. *"Pais adotivos são mais*

*condescendentes ou mais rígidos na educação de seus filhos?". "Filhos adotivos apresentam desempenhos escolares piores do que filhos biológicos?". "Os adotantes estrangeiros são menos exigentes em relação à escolha da criança a ser adotado do que os adotantes nacionais?". "A motivação para a adoção é um fator essencial para o sucesso da relação adotiva?". "Existe uma idade ideal para a adoção?". "O processo de guarda anterior à adoção é um fator que pode prejudicar a relação adotiva e a criação de vínculos?". "Ter conhecimento de sua origem é fundamental para o processo de identidade de uma criança adotiva?". "A preparação de adotantes pode ajudar na futura relação adotiva?".* Todas essas são boas perguntas. Na verdade, quando alguém diz para você "essa é uma boa pergunta" é porque, invariavelmente, a resposta não será tão boa assim...

Tantas outras questões ainda sem respostas ou com respostas parciais sobre a adoção... E a característica da ciência é justamente essa: a impossibilidade de respostas absolutas. Ao contrário do senso comum, a ciência e a pesquisa se renovam e se reeditam sistematicamente. Não estamos falando simplesmente de uma dúvida cética, mas uma dúvida que leve necessariamente a uma ação investigatória. Uma dúvida aliada à curiosidade científica. René Descartes realizou um trabalho belíssimo há cerca de três séculos, que é consultado e citado até os dias atuais. Para ele, o método que daria conta de todos os conhecimentos deveria começar pela dúvida. Descartes duvidou de tudo, até de sua própria existência e, só depois de muitos anos de reflexão e estudos intensivos convenceu-se, para a alegria de todos, e dele mesmo, de que, ele existia mesmo! Apesar de parecer engraçado, Descartes criou através desse método, uma dimensão filosófica de Homem. Antes de Descartes, o estudo do homem era feito a partir de outras realidade, sempre em relação ao mundo. Descartes introduziu uma nova concepção de homem justamente pelo fato de iniciar o estudo do homem a partir de si mesmo, de sua consciência, da subjetividade e da experiência do ser humano.

Quem faz uma revisão bibliográfica sobre "adoção" no Brasil, perceberá rapidamente a escassez de trabalhos científicos e de pesquisas sistemáticas. Creio que o primeiro trabalho acadêmico sobre adoção foi realizado em 1988, uma tese de doutoramento em antropologia, da Professora Maria Cecília Soleid da Costa, da UFPR. O trabalho chama-se "*Os filhos do coração: adoção em camadas médias brasileiras*", e é, ainda hoje, um marco de referência para qualquer pessoa que queria estudar adoção. Passados 10 anos no cenário científico brasileiro, o número de pesquisas esperadas sobre adoção é muito pequeno. Isso revela como ainda a adoção, apesar de ser uma prática freqüente na sociedade brasileira, é considerado um tema "mais ligado ao coração

do que à razão" e mostra que escrever e falar sobre o tema é mais simples do que delinear metodologias de pesquisas que envolvam uma questão assim verdadeiramente repleta de emoção. No entanto, existe uma luz no fim do túnel, pois há cerca de quatro anos, iniciaram-se de maneira contundente as pesquisas nesta área no Brasil, e até eventos importantes estão sendo organizados sobre a adoção, mostrando que esse trem está seguindo sobre os trilhos de maneira firme e consistente.

Uma das questões mais sérias e importantes no contexto da adoção diz respeito à **seleção de casais adotantes**<sup>3</sup>, o que implica em posterior sucesso ou fracasso da relação adotiva. E onde existe o risco de fracasso dessa relação de parentalidade, vislumbra-se o terrível ato da "devolução" de uma criança após a relação "não ter dado certo". Todos os Juizes concordam que a irrevogabilidade da adoção é simplesmente legal e teórica, pois existem inúmeros casos que desmentem a lei e desafiam a humanidade. Qual é o respaldo que a sociedade acadêmica e científica tem fornecido para os profissionais, assistentes sociais, psicólogos, promotores públicos e juizes que trabalham neste difícil campo de atuação no qual devem selecionar (e às vezes preparar e acompanhar) pessoas mais capacitadas para serem pais?

Nos últimos congressos que tenho participado, essa tem sido uma questão vital e angustiante. Os técnicos dos Serviços de Adoção do país sentem a carência de sua formação e querem urgentemente maior capacitação para a sua função. Para fazer essa capacitação de maneira correta, nós precisamos urgentemente de mais dados. Dados de pesquisas. Dados que nos mostrem tendências, padrões, probabilidades. As conjecturas são ainda enormes: "*Penso que as devoluções de crianças ocorrem mais freqüentemente nas adoções à brasileira*", dizem alguns técnicos. Outros revelam que "*a motivação é fundamental para o sucesso da relação*". "*Uma pessoa que perdeu recentemente seu filho biológico não pode adotar uma criança*", dizem outros técnicos. Outros afirmam que "*um adotante que desejar mudar o nome de uma criança de dois anos não está preparado para a adoção*". Alguns juizes afirmam que "*jamais dariam uma criança para adoção a um casal que a tenha encontrado na porta de sua casa*". Outros promotores dizem genericamente que "*a destituição do pátrio poder é uma violência para com os pais*", e as crianças continuam esquecidas, durante anos a fio, nas instituições de internamento.

Nós precisamos também socializar nosso conhecimento. Pesquisadores devem desvendar questões e, no caso da adoção, devem ter a colaboração dos Serviços de Adoção do Judiciário. Muitas vezes tem sido muito difícil essa relação. Os Serviços de

---

<sup>3</sup> Para uma discussão mais profunda deste item consulte : Weber, L.N.D. (1998). Critérios de seleção de pais adotivos: em discussão. **Interação**, 1, 123-136.

Adoção dos Juizados da Infância e da Juventude têm necessidade de mais capacitação e de maior embasamento teórico e científico para suas ações, mas, muitas vezes, sentem-se invadidos com a presença dos pesquisadores. Às vezes temem que os pesquisadores encontrem seus erros e deslizes (os quais existem em todos os trabalhos...) e, às vezes, os pesquisadores atrapalham de fato o seu cotidiano. Os caminhos não são fáceis, mas novamente afirmo, nós precisamos de dados de pesquisa sobre os inúmeros aspectos que envolvem as relações de filiação adotiva e, para tanto, o trabalho deve necessariamente ser interdisciplinar. Precisamos de mais pesquisas, tanto as específicas como as genéricas; tanto as empíricas quanto as teóricas; precisamos de pesquisas de todos os tipos e naturezas. Precisamos trocar e complementar dados. Precisamos socializar o conhecimento dos pesquisadores com os técnicos e abriremos as conchas de saber que indicam "aqui só se pesquisa" e aqui "só se aplica".

As questões são inúmeras e imensas. Nós precisamos urgentemente de um exército de pesquisadores que sejam capazes de responder algumas dessas questões. Com algumas respostas, mesmo parciais e não absolutas, é possível adquirir a capacidade de preparar os casais, de esclarecer a população, de conscientizar os trabalhadores do judiciário e do ministério público, de preparar as crianças institucionalizadas, e assim, proporcionar maior probabilidade de uma verdadeira relação afetiva em famílias adotivas e, também, garantir um dos princípios fundamentais do nosso Estatuto da Criança e do Adolescente, que já completou 8 anos, o direito à convivência familiar e comunitária.

Algumas vezes, os pesquisadores recebem críticas porque estudam um aspecto tão pequeno da realidade que imagina-se que ele tenha pouca utilidade. *"Adaptação da vida familiar de crianças negras adotadas por famílias brancas aos 7 anos de idade na cidade de Paris, Texas"*. Ou, *"O perfil de pessoas cadastradas para uma adoção no ano de 1990 na cidade de Sengés, Paraná"*. Ou ainda, *"Atitudes agressivas em crianças orientais adotadas com 3 anos de idade por mães solteiras negras no interior paulista"*. É preciso cuidado com as críticas, pois a Ciência e a História mostram que nunca deve-se dizer que uma pesquisa é inútil. Além do mais, quanto mais específica for uma pesquisa, tanto maior a probabilidade de encontrar respostas significativas e específicas. Quanto mais amplo o objetivo de uma pesquisa tanto maior a chance de encontrar respostas genéricas. Isso lembra a história que afirma que "um pesquisador é alguém que sabe muito sobre uma área bastante limitada. Com o passar do tempo, aprende cada vez mais sobre cada vez menos. No final, sabe tudo sobre praticamente nada". Piadas à parte,

---

prefiro a afirmação de Roland Barthes: "Existe uma época em que ensinamos o que sabemos; mas, em seguida, vem uma outra época em que ensinamos o que não sabemos: isso se chama pesquisar".

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BILIOGRAFIA CONSULTADA**

BARTHES, R. In: Szejer, M. **Des mots pour naître: l'écoute psychanalytique en maternité**. Paris: Gallimard, 1997.

COSTA, M.C.S. **Os filhos do coração: adoção em camadas médias brasileiras**. Tese de doutorado da UFRJ, 1988.

DOBRIANSKYJ, L.N. A importância da pesquisa. **Anais do I e II encontro Paranaense de Psicologia** (1987/1988), editado em 1989, p. 214-219.

WEBER, L.N.D. **Laços de Ternura: pesquisas e histórias de adoção**. Curitiba: Santa Mônica, 1998.

WEBER, L.N.D. Critérios de seleção de pais adotivos: em discussão. **Revista Interação** (UFPR), **1**, 123-136.